

II. TEORIA MUSEOLÓGICA: A PROBLEMATIZAÇÃO DE ALGUMAS QUESTÕES RELEVANTES À FORMAÇÃO PROFISSIONAL²

Considerações Preliminares

Gostaria de iniciar esta comunicação chamando a atenção para o fato de que não estou à frente, no momento, de nenhum curso de formação de museólogos no país. Minha contribuição a este tema esta vinculada a uma experiência de docência realizada externamente a esses cursos. Se por um lado, esta contribuição pode ser vista com algumas ressalvas, por outro, posso afirmar que a possibilidade de ter proferido 26 cursos temáticos sobre questões inerentes ao universo da Disciplina Museológica, nos últimos 11 anos, tem sido responsável por um olhar externo - de longe - a este complexo mundo das formações acadêmicas.

Devo ressaltar, também, que a minha inserção no âmbito da Museologia deu-se a partir de um Curso de Especialização realizado em São Paulo (1978 a 1980), através de um projeto acadêmico que esteve sob a responsabilidade da Prof^a Waldisa Guarnieri, na Fundação Escola de Sociologia e Política.

Estes aspectos, aliados à experiência cotidiana de trabalho em instituição museológica e a alguns projetos de cursos de especialização que, neste momento, começo a participar, são responsáveis pelas idéias que pretendo apresentar.

O Universo Teórico da Museologia: Alguns Parâmetros

As últimas décadas têm assistido a uma intensa proliferação de novas disciplinas, desdobramentos das já existentes e um grande

² Este texto, com algumas alterações, foi apresentado no Simpósio Internacional do ICTOP/ICOM (Comitê para Formação Profissional do Conselho Internacional de Museus), realizado no Rio de Janeiro (Brasil), 1995.

empenho na delimitação dos espaços específicos de cada área. O universo do conhecimento científico tem alargado suas fronteiras, levando a uma necessária especialização dos interesses e dos olhares sobre os mesmos fenômenos.

Esta partilha dos sentidos e dos significados, este litígio pela apropriação dos fenômenos e o contínuo cruzamento de olhares especializados têm sido responsável por novos processos de trabalho e por instigantes problemas ligados à formação profissional.

Considero que para os profissionais da Museologia esta realidade tem sido muitas vezes dolorosa. A dificuldade para superar alguns paradigmas ou aceitar aqueles profissionais que ousaram pensar mais alto, tem nos levado - na área da formação profissional - à configuração de algumas ilhas espalhadas pelo país.

Pode-se identificar essas questões nos diversos ramos do conhecimento, entretanto, constatamos que as disciplinas que tratam dos fenômenos das sociedades refletem esses problemas com muita constância. Os desdobramentos destas disciplinas têm evidenciado a complexidade do estudo dos fenômenos humanos ao longo do tempo e do espaço. Entre tantos estudos analíticos, que contribuem para a *construção* e *compreensão* de um sistema que norteia a trajetória das sociedades, encontra-se a Museologia.

A história da Museologia - ou a saga de uma disciplina que ao mesmo tempo que tenta se estruturar, procura se desvincular de preconceitos ligados ao seu universo de estudos (instituição museu), e passa por uma necessária revolução de princípios, demonstra com muita clareza todos os conflitos que emergem da produção acadêmica contemporânea.

Compreende-se, hoje, que a Museologia tem um espaço próprio de experimentação, análise e sistematização de seu objeto de estudo. Articula-se em função dos processos de musealização das referências patrimoniais que têm sido preservadas e tem potencialidade de transformá-las em heranças culturais. Por sua vez, estes processos estão voltados, especialmente, para a relação entre o **Homem** (público/sociedade) e o **Objeto** (coleção/patrimônio) em um **Cenário** (museu/território).

A partir do exposto, é possível afirmar que a preocupação desta disciplina está centrada em dois grandes fenômenos. Por um lado, a necessidade de compreender o comportamento individual e/ou coletivo do Homem frente ao seu patrimônio e, por outro, a potencialidade de desenvolver mecanismos que possibilitem que, a partir desta relação, o patrimônio seja transformado em herança e esta, por sua vez, contribua para a necessária construção das identidades (individual e/ou coletiva).

Considerando que o patrimônio é o conjunto dos bens identificados pelo Homem a partir das suas relações com o Meio Ambiente e com os outros Homens e a própria interpretação que ele faz dessas relações, constata-se, em um primeiro momento, que o universo museológico é infinito. Em seguida, cabe separar o alvo de interesse específico da Museologia e compreender que outros ramos do conhecimento já se interessam pelos outros aspectos.

Diversos autores aceitam que a Museologia está se estruturando enquanto área de conhecimento, na medida em que os profissionais deste campo de estudos têm procurado experimentar, compreender, sistematizar e teorizar a relação museal já apontada. Para tanto, vem sendo ensinada nas universidades e aplicada nos museus a partir das variáveis: documentação, conservação, exposição e educação. Os métodos de trabalho têm levado em consideração essas variáveis nas mais diferentes composições (Museologia Geral, Especial e Aplicada).

Neste sentido, salienta-se que esta disciplina trabalha a partir de dois pontos. Em um segmento, desenvolve processos para o tratamento e preservação da herança patrimonial e, em outro, tem a responsabilidade de comunicar essa herança em uma perspectiva sócio-educativa. Portanto, o fenômeno de interesse da Museologia está centrado na relação da sociedade presente com seu patrimônio musealizado.

Embora assumindo muitas formas, do colecionismo aos museus, destes aos ecomuseus, é possível constatar a continuidade do mesmo fenômeno: o Homem elege facetas (materiais e imateriais) do seu universo de vida, preserva-as para perpetuá-las.

Esta atitude humana que dá origem às coleções e tem nos museus os grandes herdeiros institucionais, e porque não afirmar que tem o seu futuro garantido nas propostas preconizadas pela Nova Museologia, é a razão de ser desta disciplina.

A Formação Profissional: os Limites e Reciprocidades entre a Teoria e a Prática

Pode-se afirmar que a museologia está ligada à administração da memória que, por sua vez, garante ao Homem superar a transitoriedade humana, ou ainda que ela consolida as estruturas institucionais para que, através das coleções e/ou do patrimônio musealizado, os Homens possam ligar-se ao invisível e inatingível, no tempo e no espaço.

As justificativas para a Museologia existir, como área de conhecimento e de formação profissional autônoma, são sempre nobres, pois dizem respeito à trajetória humana, interagem com o Meio Ambiente, tem ligações com o poder, contribuem para a construção de identidades, entre tantos outros aspectos. Deve-se salientar, também, que em sua vida pregressa, impregnada pelo universo dos museus, a Museologia teve ligações muito estreitas com outras áreas científicas como é o caso de História Natural, Arqueologia, Etnologia, História, etc. Sem esquecer, evidentemente, a sua cumplicidade com a Arte.

Ao mesmo tempo em que reconheço que, para alguns, a Museologia assume continuamente múltiplos papéis, gostaria de ponderar sobre o risco de que ela venha a pulverizar-se.

Neste sentido, considero fundamental que a preocupação dos profissionais desta área volte-se para a experimentação, análise, sistematização e teorização do fato museal e, a partir deste trabalho, possam construir os parâmetros para a Museologia consolidar-se como disciplina aplicada, tentem estabelecer as linhas de pesquisa museológica, para definirem as possibilidades de formação para esta área.

A partir da definição tecida embrionariamente por Gregórova e sistematicamente retrabalhada por diversos autores (Guarnieri, Bellaigue, Van Mensch, Scheiner, Sola, Araújo, Bruno, Chagas, entre outros), pode-se afirmar que o interesse da Museologia está vinculado a um fato que tem existência concreta: o estudo, da relação do homem com sua realidade. Entretanto, pondero sobre a necessidade de delimitação desse estudo para a relação do Homem com seu universo patrimonial.

Esta delimitação não é apenas formal, mas ao contrário, ela orienta a razão de ser da Museologia no momento em que é possível configurar a atitude humana de relacionar-se com suas referências patrimoniais.

A partir dessa delimitação, fica mais clara a natureza do estudo museológico e o perfil adequado para os cursos de formação. Trata-se da abordagem de um fenômeno de comunicação que pode ser construído, portanto, experimentado. A experimentação leva à necessária avaliação, e esta, à real análise de caráter museológico.

Desta forma é viável considerar que à museologia cabe a experimentação e análise da relação museal, entendida como o eixo de um processo de comunicação entre o Homem / Objeto / Cenário.

Portanto, pode ser colocada entre as disciplinas aplicadas e o exercício desta aplicação deverá contribuir em um primeiro momento, para a elaboração de princípios universais. Em seguida, é possível aferir diferenças nessas experimentações, vinculadas às distintas condições dos vértices do triângulo apontado anteriormente, embora a natureza da relação museal seja a mesma, isto é: um fenômeno de comunicação.

Ultrapassadas essas primeiras delimitações, compreende-se que este fenômeno de comunicação, para sua experimentação, necessita de uma série de procedimentos curatoriais (salvaguarda) ligados à conservação e documentação.

Muitas vezes, constata-se que o discurso expositivo (primordial para o aludido processo de comunicação) não é suficiente para a concretização da relação museal e, por isso, deriva-se para

outras potencialidades museológicas ligadas à educação e ação sócio-cultural.

Com isso, é relevante apontar a exposição (discurso museológico) como o centro e a unidade de análise básica para a Museologia.

Fica evidente que as possibilidades de **pesquisa** ou de **identificação** de **problemas** a serem discutidas sobre o universo museal devem estar centradas na exposição, que passa a desempenhar o papel de embrião deste processo.

Tanto nos museus tradicionais de qualquer perfil, quanto nos diversos modelos apontados pela Nova Museologia, é pertinente apontar que a exposição possa ser o “espaço e tempo” deflagradores da socialização preservacionista do patrimônio, como também, “o espaço e tempo” convergentes para a aplicação do exercício museológico e a sistematização necessária.

A constatação referente à natureza do conhecimento específico, que a experimentação museológica pode produzir, aponta para duas grandes dificuldades, a saber:

estabelecer as possíveis linhas de pesquisa aplicada, sobre comunicação museológica, sem confundi-las com outras pesquisas inerentes ao universo museal, optando por métodos adequados que viabilizem a independência deste tipo de estudo e facilite a interdisciplinaridade.

repensar a formação dos museólogos, a partir da idéia de que deverão ser os profissionais aptos para o exercício técnico-científico da Museologia, em suas diferentes possibilidades de aplicação, como também propor que a disciplina museológica seja ministrada em outras formações.

Sobre o primeiro ponto identificado como dificuldade, reapresento a proposta já encaminhada em outros textos, referente à discussão das seguintes opções como linhas de pesquisa viáveis para a estruturação desta área de conhecimento:

- a) **Musealização e/ou Pesquisa Conceitual:** a experimentação sobre o enfoque dado a um tema, com os respectivos recortes inseridos em um universo científico, baseado em referências patrimoniais e dirigido para o outro (público), a partir da identificação do seu perfil (identificação da informação a ser comunicada, para ser preservada, a partir da salvaguarda e extroversão da materialidade dos objetos).
- b) **Recursos Museográficos e/ou Pesquisa da Mídia:** experimentação comunicacional de um tema, a partir de desdobramentos visuais, sonoros, táteis, sua inserção no espaço e seus efeitos cênicos (do mobiliário à linguagem de apoio, da reserva técnica à sala de exposição).
- c) **Avaliação e/ou Pesquisa sobre a Audiência:** experimentação de modelos avaliatórios que possam resgatar a reação do visitante padrão, ou do participante, incorporar suas respostas/reações nos próprios projetos museológicos, reorientando-os para o aprimoramento do processo de preservação e extroversão.

No que diz respeito à formação profissional, penso que é fundamental aprofundar e, se possível, separar as áreas que até então têm sido consideradas como museológicas, a saber: documentação, conservação, comunicação e educação - especialmente em cursos de especialização, pois, a complexidade de cada um destes momentos exige uma formação especializada.

Considero com a mesma importância a pertinência de uma discussão sobre algumas disciplinas que são ministradas em cursos de graduação de Museologia, uma vez que correspondem a outras formações acadêmicas. Reafirmo que a escolha de disciplinas complementares deve ser orientada para o fenômeno museal de comunicação.

Ainda no que diz respeito à formação acadêmica, gostaria de chamar a atenção para as diferenças entre cursos para formar museólogos (a partir dos pressupostos teóricos que apresentei) e cursos para formação de outros profissionais de museus. Ambos são

importantes, distintos e fundamentais para o aprimoramento das instituições museológicas.

Se por um lado, o desenvolvimento da Museologia, enquanto área de conhecimento, depende das experimentações apontadas anteriormente, por outro, está condicionado à formação em diversos níveis, pois o exercício da museologia necessita, tanto da compreensão de um universo técnico, quanto de reflexões teóricas.

Portanto, atuar em relação à formação teórica, nos dias de hoje, significa preparar o estudante para o trabalho “sobre o outro”, “com o outro” e “para o outro”, a partir do conceito de Patrimônio Integral, sem esquecer o peso e a importância das coleções e das instituições museológicas tradicionais.

Falar sobre Museologia Teórica é falar de processo de comunicação preservacionista, é falar de disciplina aplicada e de formação em diversos níveis. Museologia Teórica, tanto pode ser uma disciplina inserida em diferentes universos da formação acadêmica, como pode ser a disciplina básica e orientadora da formação do museólogo.

A partir das considerações apresentadas, gostaria de propor alguns pontos para reflexão no âmbito desta discussão:

1. A necessidade urgente de um diálogo entre os cursos já tradicionais e as novas iniciativas, procurando organizar os parâmetros para a formação específica do museólogo e a contribuição que a Museologia pode dar a outras formações profissionais.
2. Propiciar uma convivência solidária entre os cursos de diversos níveis (graduação, especialização e pós-graduação), procurando hierarquizá-los do ponto de vista técnico e científico, com o objetivo de aprimorar as diferentes perspectivas de formação.
3. Saber distinguir entre o exercício profissional do museólogo, da docência em museologia.
4. A partir dos pontos abordados, considero absolutamente fundamental a revisão da Lei que regulamenta a profissão de museólogo, no Brasil, pois ela está totalmente distante do que a

teoria museológica considera como básico, para o exercício profissional, como também não corresponde às necessidades da atual realidade brasileira.

Finalmente, falar sobre Teoria Museológica no Brasil significa lembrar da importância da contribuição de Waldisa Guarnieri, pois, ao romper paradigmas, ao ousar, ao arriscar nos seus textos teóricos, ela nos deixou um grande patrimônio, que nos dá muita confiança para seguir em frente.